

# FALAS BRANCAS

Renato Tapado



# I

Em meio à brancura dos dias,  
afago a palavra contra o muro.

E martelo a parede até o fim  
com a fome do meu corpo e do teu.

## II

Percorro as horas perdidas e paro.

Tudo são imagens, palavras saturadas, ruídos.

Eu busco a leveza do branco, o sentido do silêncio.

Minha voz é um relâmpago mudo.

### III

De todas as cores, vivo as cinzas.

Fagulha do que toca minha palavra.

Meu corpo se aquece é na brancura de ser.

Mudo como um rio.

## IV

Todo gesto me leva a mim.

Sou aquilo de que me alimento.

Fujo da cidade e sua vida cheia de tudo.

E estremeço diante da parede vazia.

Distraio o instante sem graça e escapo.

Preso ao chão, à curva do tempo, resvalo.

Então, procuro fios feitos de nada  
e teço na palavra uma paixão alada.

VI

Tudo me separa de mim.

Menos meu olhar,

que se deita sobre essa paisagem falsa

e me devolve a fibra do segredo.

## VII

Diante do dia, fecho os olhos.

Escuto a violência das falas e me escondo.

Só me abro para o branco e seu abraço.

A tessitura muda de um desejo.

## VIII

Perda sobre pedra.

Tudo é seco e frio neste presente escasso.

Procuro o grito da gaivota  
e sua promessa úmida de fomes.

## IX

Nada a dizer, nada a mostrar.

Meu silêncio se insinua é no escuro,  
no âmago de um corpo a céu aberto,  
apenas véu: algo que não se vendeu.

## X

Caminho a esmo e fico pasmo.

Escuto meus passos no deserto.

Grito para a rocha, e vem um eco.

Invento alguém que me responda.

XI

Apresso minha posse de um desejo.

Tudo foge, tudo cai nos dias abissais.

Apuro meu olhar e meu silêncio:

a fome que entrevejo atrás da porta.

## XII

Ensaio o gesto de falar.

Uma palavra voa e não tem volta.

Brancuras que se jogam mar afora.

Aqui dentro, minha voz à espera.

### XIII

Esta palavra não está aqui.

Esta brancura já ruiu.

Só restam estes corpos à espera:

você e eu.

## XIV

Passeio pela névoa nua.

Procuro por um cego e surdo

(contra essa esfera bruta de imagens):

um silêncio de estrela.

XV

Me demoro diante do muro.

Mínimo navio.

Desleio um grafite em devaneio  
e paro em mim num salto.

XVI

A crina que não agarro:  
a pele densa do instante.  
Invento um desejo sem dono  
e te cedo essa poção alada.

## XVII

Fecho os olhos e escuto.

É no murmúrio das águas que me aqueço,  
no tempo escorrendo entre essas perdas,  
para voltar a mim.

## XVIII

Deliro no meio do rio.

Circulo em nada. Passo.

Evito a consistência de um alô.

Converso com a garça.

## XIX

Clique: me disparo na palavra.

Tchau. Na pressa subtraio.

Zás sem fim, rubrica nula,

mula que me empaca:

a voz em branco.

XX

Seio que quero:  
saber um ácido na pele.  
O branco de uma língua rala,  
uma gula que vinga,  
a tez avara.

XXI

Sofro a pertinência dessas falas.

O barulho de vozes marteladas.

Danço sem música, meu corpo

aceso, no mínimo volume.

XXII

Espero que teu corpo chegue.

Desnudo e quente, as mãos abertas.

Tua voz em branco, um leite, pêlos.

Um círculo de giz que nos abrace.

XXIII

Minha voz: um traço que respinga,  
o mar aberto, o branco  
de uma sede sem começo:  
escrevo umidades em teu corpo.

XXIV

Minha fome é de mim.  
De teu corpo dentro, esse lampejo  
que vislumbro e agarro:  
colo onde resguardo essa palavra.

XXV

Falo num fio.

Um lume sem fulgor,  
areias foscas, pele branca.

Grãos de grito.

XXVI

Um dia cinza me persegue.  
O mar de chumbo enrugado.  
A nave vazia de mim.  
Minha alma em névoa.

XXVII

Chuva fina no telhado.

Gotas como pétalas.

A brancura de um talo nu.

Nenhum chá me aquece.

XXVIII

O lume dos olhos do gato  
me detém. Nem a lua  
me desvia desse túnel,  
linha de ágata, móvel porcelana.

XXIX

Um piano, uma tarde, silêncio.  
Os olhos de alguém que não esqueço.  
Desisto de partir, exploro o instante  
enovelado nessa fala branca.

XXX

Agarro Marguerite Duras,  
me debruço em Debussy  
e espero: uma voz muda,  
teu corpo imóvel,  
ave na parede branca.

XXXI

Desteco essa quase-palavra  
que insiste em se fixar.

E o que sobra é essa brancura  
na sombra, na garganta, no olhar.

XXXII

Mar aberto. Me fecho em mim  
como a concha batendo,  
sem aconchego,  
na espuma dos dias.

XXXIII

Falo contra grades. Grito

na textura das pedras.

Picho de branco a sombra do silêncio.

Minha rouquidão me exaspera.

XXXIV

Tempo liso como folha branca.

Praia sem pau ou pedra.

Lanço uma sílaba: um grão

nessa erosão de esperas.

XXXV

O berro da águia na vidraça.

Minha sede se acende, exacerbada.

Há um rio dentro de mim que não alcanço.

Tenho pressa. E lanço

letras secas no papel.

XXXVI

Pausa na voz:

grãos de tinta úmida na pauta.

Da garganta,

da página vazia,

ouço meu silêncio.

XXXVII

Alma é uma mala.

Carrego-a vazia de mim  
cheirando a sobressaltos,  
sem saída: só passagens.

XXXVIII

Paro pra escutar o tempo

nessa massa de ruídos.

Sob o branco, na tessitura de um grito,  
passo. E fixo este instante no papel.

XXXIX

Falo para além, aqui,  
sob essa voz que geme.  
Falo em sombras, em branco,  
e finjo uma palavra clara.

XL

Minha voz hiberna  
na pele de um sonho desgastado.  
Minha voz é esse inverno sem fim,  
sem gramatura, névoa de si.

XLI

Pássaros gritando, chuva fina.

Aqui, neste caderno aberto,

se instala a quietude:

voz branca, morte opaca.

XLII

Imito a precisão do gato.

Escrevo um gesto:

nada a significar, a não ser

o desenho de um gesto,

a brancura de não ser.

XLIII

O breu de um minuto vazio.

A fala isolada de mim.

Eu grafo a falta.

XLIV

Pele marfim, cabelos pretos:  
a escritura de teu corpo abala.  
Pressinto essa tensão no agora,  
o grito que ainda não partiu,  
a página rasgada.

XLV

Pálida passagem. Tempo neutro

à espera de uma espera.

Falas claras,

finas como folhas,

e um vento irremediável.

XLVI

Perplexo, me olho no ex-espelho:

eu já fugi. Resta a fuligem

de uma imagem vã,

disposta a me cobrir

de exasperadas cinzas.

XLVII

Cavo agora uma espera.

Invisto na agonia do não.

Sofro a inconsistência das horas

e me arco:

tensão de carta sem resposta.

XLVIII

Espero a hora do lobo.

A garra trêmula de fome.

O instante do deslize rumo à presa.

Espero na penumbra:

olhar de fogo

diante da palavra fugaz.

XLIX

Dia de silêncios.

Faca sem uso, palavra crua.

Talhe de brancura opaca.

Só um vento por dentro

remexendo folhas.

L

Meu gesto arde só.

Não sei onde guardá-lo.

Rabisco a dúvida na pele, e

ela treme:

chama de uma fala branca.